

ALARIDO

De Edu Brisa

Personagens

Ezequiel-----Trabalhador “pé no chão”, marido de Cleide.

Cleide-----“Dona de casa” que sonha com a juventude perdida.

Cria----- Personificação da falta de relação entre Ezequiel e Cleide.

Cria2----- Personificação da necessidade de relação entre Ezequiel e Cleide

1º Ato

Interior de um casebre, único cômodo.

Luz

O Cenário é composto por apenas um balanço onde Ezequiel está sentado com os pés firmes no chão, ele o usa como cadeira ignorando a possibilidade de movimento. Cleide e Cria encontram-se em estado de alerta, como quem aguarda uma ordem para agir. Ambas são presas com uma corda pelo pescoço, a de Cleide é bem mais curta que a da Cria. – Silêncio, silêncio, silêncio... Os três se olham de tempos em tempos. – Silêncio, silêncio, silêncio... Ezequiel levanta-se do balanço e estaca. É o sinal para agir. Cleide sai para buscar as coisas de Ezequiel.

Ezequiel *(Referindo-se a Cleide)* Não dê ouvidos!

Cria Eu...

Ezequiel Nana nina não!

Cria Eu...

Ezequiel *(Referindo-se a Cleide)* Vive no mundo da lua, deixa as coisas tudo pela metade. Tudo quase, tudo quase. Assim não tem jeito.

Cria Eu...

Ezequiel A vida não é essa moleza aí não.

Cria Eu...

Ezequiel Quem muito olha pra cima, tropeça e cai. Tem que olhar onde pisa.

Cria Eu...

Ezequiel Fala!

Cria *(um tempo)* Eu entendi.

Ezequiel isso! *(Senta-se novamente)*

Instaura-se o silêncio

- *Cria sai para buscar as coisas de Cleide ao mesmo tempo em que Cleide volta com as botas de Ezequiel e as coloca ao seu lado. Cleide e Ezequiel se olham em silêncio há um certo incomodo. Eles não se falam.*

- *Cria volta com a bacia de roupas ao mesmo tempo em que Cleide sai. Cria retorna rapidamente ao mesmo tempo em que Cleide volta com a enxada de Ezequiel e a coloca a seu lado. Cleide e Ezequiel se olham em silêncio. Há um maior incomodo.*

- *Cria volta com outra bacia com água usada para lavar roupas ao mesmo tempo em que Cleide sai.*

- *Cleide volta com a bolsa de Ezequiel, usada para levar marmitta e algumas ferramentas. Coloca-a do lado dele e em seguida vai lavar as roupas que a Cria trouxe, ao mesmo tempo em que Ezequiel calça suas botas para ir trabalhar. Cleide lava as roupas com muito peso. Como um martírio. Está visivelmente angustiada. A Cria tenta em vão aproximar os dois. Cleide quer que Ezequiel saia logo, mas a Cria quer que ele fique, ela tenta chamar a atenção de um para o outro. Cleide está muito incomodada com essa circunstância. Ezequiel finalmente sai. Instaura-se um alívio imediato.*

- *Cleide fica leve. Lavar as roupas passa a ser um prazer, uma brincadeira gostosa. Brincando com a bacia d'água vai descobrindo na espuma um mundo novo, lúdico e cheio de possibilidades. Sua alegria vai crescendo,*

inundando o ambiente. A Cria observa com um certo receio a tudo e aos poucos vai se interessando até se envolver completamente pela brincadeira. É como se Cleide estivesse lhe contando uma história de um lugar feliz, bem diferente daquele em que vivem e que ela jamais tinha imaginado.

Cria Verdade?!

Cleide Sim é a mais pura verdade. E é lá também que o vento sopra macio! Que o cheiro é mais cheiroso! A cor, mais colorida! E o barulho vira música! Pertinho do céu e volta. Pertinho do céu e volta. Pertinho do céu!

Cria Por que a gente não vai pra lá então?

Cleide É... Nosso lugar é aqui. Quer dizer... O meu. Você se quiser...

Cria Mas...

Cleide Eu já to calejada isso aqui não me machuca mais. Agora você se ficar aqui, como é que vai ser? Aqui não tem nada. Isso vai acabar te fazendo mal. Vai matar seus sonhos, assim como... Deixa pra lá.

Cria Os sonhos não morrem nunca. Eles se escondem muito bem escondidos, aí de repente eles aparecem mais vivos que nunca.

Cleide *(Constatando. Consigo mesmo)* Ensinar é mais fácil que aprender. *(Silêncio. Volta a lhe contar a estória)* O vento soprava macio, ela fechava os olhos e via o rosto de seu

amado próximo à luz de uma vela. Sua sombra brinca se escondendo da chama de um lado pro outro, de cima pra baixo, de baixo pra cima. No meio da brincadeira uma lágrima corre na direção de um sorriso largo! E novamente com os olhos abertos e cheios de horizonte, ela corria contra o vento e a favor da vida! *(Silêncio. Cleide e Cria olham ao longe dividindo o mesmo sonho).*

Cria *(Repetindo do seu jeito o que Cleide disse)* O vento soprava macio, ela fechava os olhos e via o rosto de seu amado próximo à luz de uma vela. Sua sombra brinca se escondendo da chama de um lado pro outro, de cima pra baixo, de baixo pra cima. No meio da brincadeira uma lágrima corre na direção de um sorriso largo! E novamente com os olhos abertos e cheios de horizonte, ela corria contra o vento e a favor da vida! *(Silêncio. Cleide e Cria olham ao longe dividindo o mesmo sonho. Constatando)* Ensinar é mais fácil que aprender.

Cleide Os sonhos não morrem, nunca. Eles se escondem muito bem escondidos, aí de repente eles aparecem mais vivos que nunca.

Cria Eu já to calejada isso aqui não me machuca mais. Agora você se ficar aqui, como é que vai ser? Aqui não tem nada. Isso vai acabar te fazendo mal. Vai matar seus sonhos, assim como... Deixa pra lá.

Cleide Mas...

Cria É... Nosso lugar é aqui. Quer dizer... O meu. Você se quiser...

- Cleide** Por que a gente não vai pra lá então?
- Cria** Sim, é a mais pura verdade. E é lá também que o vento sopra macio! Que o cheiro é mais cheiroso! A cor, mais colorida! E o barulho vira música! Pertinho do céu e volta. Pertinho do céu e volta. Pertinho do céu!
- Cleide** Verdade!?! *(Silêncio. Cleide e Cria olham ao longe dividindo o mesmo sonho. Entra Ezequiel, as duas se assustam e se refazem em seguida. Há um enorme incômodo no ar.)*
- Cria** *(meio sem jeito, para Cleide) É... (Cleide sai. Para Ezequiel).*
Tá quase.
- Ezequiel** Tá quase, tá quase! *(Senta-se no balanço com os pés firmes no chão)*
- Cria** Deixa eu ir tirando suas botas?
- Ezequiel** Tira a mão. *(Entra Cleide com uma bacia d'água nas mãos, coloca junto a Ezequiel, tira-lhe as botas com muito cuidado em seguida mergulha os pés dele na água e deixa-os descansando por um tempo. Na presença de Cleide a Cria é quem fala por ele).*
- Cria (Ezequiel)** Ahhh! Pelo menos isso eu mereço. Me sinto dez anos mais moço. Isso sim é que é vida! Queria passar a vida toda assim, com os pés descansados. *(um tempo. Ezequiel Fecha os olhos, parece sonhar)* isso é que é vida! Isso sim é que é vida! *(um tempo. Abre os olhos)* chega. *(Cleide tira os pés de*

Ezequiel da bacia e os enxuga, um de cada vez. Os calça com chinelas, em seguida sai com as coisas.).

Cria *(Meio sem jeito)* Me leva lá onde o vento sopra macio?

Ezequiel Que diabo de conversa é essa? Ta zureta?

Cria É que a...

Ezequiel Já te disse pra não ficar ouvindo essas besteiras. Precisa é arrumar alguma coisa pra fazer... Essa daí não tinha o que fazer, por isso só aprendeu o que não presta. Onde é que já se viu ven... *(Cleide entra. Na presença de Ezequiel a Cria é quem fala por ela).*

Cria (Ezequiel) to que sopra macio, vento que sopra macio. Deixa de ser besta.

Cria (Cleide) Eu sempre tive o que fazer e nem por isso eu vou deixar de sonhar. Só não sonha quem já morreu.

Cria (Ezequiel) Sonho não enche barriga de seu ninguém. Deixa eu não trabalhar o dia inteiro pra ver, o ronco da barriga não ia deixar a gente nem dormir que dirá sonhar. *(um tempo)* Sonho é sonho, vida é vida. *(um tempo)* Vida.

Cria (Cleide) Que vida?! *(um tempo)* vida!?

Cria Vida. *(um tempo)* que vida.

Cria (Ezequiel) De barriga cheia. *(Cleide Sai. Depois de esperar um tempo).*

Cria (Ezequiel) Chalalolalolaoãoãoão! Chaaaaaaaaa! Chãooaoãooa ao! Chão!
Chão!

Cria (Cleide) Sasassassasas!! Asas! Asas!

Cria (Ezequiel) Chalalolalolaoãoãoão! Chaaaaaaaaa! Chãooaoãooa ao! Chão!
Chão!

Cria (Cleide) Asas! Asas!

Cria (Ezequiel) Chãooaoãooa ao! Chão! Chão! (*Cria respira ofegante como quem descansa. Retoma com um grande esforço para que o diálogo torne-se cada vez mais compreensível*).!

Cria (Ezequiel) Chão! Chão!

Cria (Cleide) Sas! Asas!

Cria (Ezequiel) ão! Chão!

Cria (Cleide) Sasassassasas!!!

Cria (Ezequiel) Cha! Chão!

Cleide (*Cria, respira ofegante e desaba no chão. Ezequiel pega a corda e amarra no pescoço da Cria e sai. Cleide a coloca no balanço e vai balançando e torna a lhe contar a mesma estória. Balança com muito cuidado, até onde a corda do pescoço permite. Buscando reanimar a Cria*) O vento soprava macio, ela fechava os olhos e via o rosto de seu amado

próximo à luz de uma vela. Sua sombra brinca se escondendo da chama de um lado pro outro, de cima pra baixo, de baixo pra cima. No meio da brincadeira uma lágrima corre na direção de um sorriso largo! E novamente com os olhos abertos e cheios de horizonte, ela corria contra o vento e a favor da vida! (*Silêncio. Cria continua desfalecida*). Ensinar é mais fácil que aprender. (*Cleide agora canta como quem quer dar sua a vida a Cria*). Voa, voa! Bate, bate, bate asas! Bate, bate, bate asas! Bate, bate, bate coração! Feche os olhos. Perca o medo. Ganhe força. Leve, leve, leve vento! Vento leve. Leve, me leve. Me leve junto. Me deixe em paz. Vá, vá, vá pertinho do céu! Vá, vá, vá, mas não muito longe. Quero te ter nas vistas. Vá, vá, mas não de vez, senão eu choro, senão eu... Voa, voa! Bate, bate, bate asas! Bate, bate, bate asas! Bate, bate, bate coração!

Cria (*com a corda esticada*) Corda!

Cleide (*Pára bruscamente. Consigo mesma*) Essa corda vem diminuindo a cada dia. Realmente as cordas não crescem com as crianças!

Cria (*com as mãos folga a corda do pescoço*). Verdade!?

Cleide Verdade... (*silêncio*) Você precisa de uma corda maior. Essa ta cada vez menor. Ou é o céu que cada vez ta mais longe.

Cria Já cheguei mais perto do céu antes. Agora nem.

Cleide Eu também. O céu já foi muito mais perto, mesmo. (*Começa a lhe contar uma outra estória*) tinha muitas estrelas, um azul!

Azul!Tão azul! Que nem parecia azul! A lua parecia raspar na cabeça, era só dar um pulo que já se sentia! Uma luz tão pertinho, entrava em casa pela janela, pela porta, pelo buraco da telha. Onde é que foi parar a lua? Onde se enfiaram todas aquelas estrelas? *(Silêncio)*

Cria O céu ta indo embora!

Cleide O céu continua aí. *(Retomando suas forças)* olha lá! É o céu! Tão céu quanto sempre foi. *(Fecha os olhos)* céu de brancas nuvens, de horizonte, de por do sol, de lua cheia, cheio de estrelas. Começa onde acaba o mar. Acaba onde o mar começa. O mar que balança. *(começa a balançar a Cria)* balança! Bate na praia, recua, cresce! Apanha da praia, recua, cresce! Bate na praia, recua, cresce! Apanha da praia. Balança, balança! Lambança, lambança! Balança, lambança! Lambança balança!

Cria *(com a corda esticada)* Corda!

Cleide *(Pára bruscamente. Consigo mesma)* Realmente as cordas não crescem com as crianças! *(um tempo)* Pra que lado será que fica o mar? *(Silêncio. Cleide e Cria olham ao longe dividindo o mesmo sonho. Trocam de lugar. Cleide que também tem uma corda no pescoço e bem mais curta que a da Cria. O que torna impossível o balanço ir pra frente).*

Cria O mar fica lá, entre o branco da areia e o azul do céu. *(Tenta empurrar em vão o balanço, uma, duas, três vezes.)* Se agita, se acalma. Se agita, se acalma. Se agita, se acalma. Se acalma! Cresce, bate na praia, lambe a areia, lambe as casas,

lambe a gente com a sua língua salgada, com a sua fome de ontem, com a sua força de sempre. Lambe, lambe, lambe depois cospe de volta. Se acalma! *(Tenta empurrar em vão o balanço, uma, duas, três vezes.)* Realmente as cordas não crescem. *(Entra Ezequiel, as duas se assustam e se refazem em seguida. Cleide sai do balanço dando lugar à Cria que sai dando lugar a Ezequiel, que não tem corda no pescoço, mas tem os pés firmes no chão, o balanço não se mexe. Cleide sai. Para Ezequiel).* A corda!

- Ezequiel** A corda?
- Cria** É. Ta diminuindo.
- Ezequiel** Que bom. Isso é pra se comemorar!
- Cria** Machuca.
- Ezequiel** Machuca mesmo! Mas ensina. É o chão, chão firme, chão duro! Chão que te da força pra enfrentar! Você vem crescendo isso é fruto do chão! Só o chão dá frutos, só o chão!
- Cria** É que não dá pra...
- Ezequiel** Pra quê?
- Cria** Pra...
- Ezequiel** Quê?
- Cria** Corda maior!
- Ezequiel** Corda maior pra quê? Vai continuar sendo corda. E corda é corda! Menor ou maior é corda!
- Cria** Então...

Ezequiel Então?

Cria É...

Ezequiel É?

Cria Pode jogar essa?

Ezequiel Não. É perigoso.

Cria Perigoso!

Ezequiel Já falei isso.

Cria É que...

Ezequiel Não.

Cria Eu não consigo mais...

Ezequiel Mais...

Cria É...

Ezequiel É?

Cria Ir pertinho do céu!

Ezequiel Ainda bem! Ainda bem que essa corda está diminuindo. Assim é mais seguro! *(Referindo se à Cleide)* Aquela lá é uma

cabeça de vento. O céu é muito longe e foi feito pra ficar na cabeça da gente e o chão pra ficar nos pés. É assim que é. Se tirar os pés do firme você cai. *(um tempo)* Cada coisa no seu lugar. *(um tempo)* o nosso é no chão. Que é firme e duro justamente pra nos suportar. Ou você acha que é fácil ser chão? *(um tempo. Consigo mesmo)* Nada fácil. Nadinha.

Cria Então nada de corda maior?

Ezequiel *(Consigo mesmo)* Nada. Nadinha!

Entra Cleide, eles se refazem. Ezequiel sai do balanço dando lugar à Cleide que sai dando lugar à Cria. Pausa longa. Cria restabelece o diálogo, só que sem som, só se vê sua articulação exagerada ao mesmo tempo em que pega impulso no balanço. Forma-se ali um grande incomodo vivido pelos três. Cria vai balançando, balançando, balançando. Pega cada vez mais impulso. Ezequiel e Cleide ficam olhando a Cria enquanto ela vai balançando e parando, balançando e parando até a morte. Ezequiel e Cleide se olham por algum tempo. Ezequiel deixa a cena vagarosamente, está bastante frágil. Cleide tenta reanimar a Cria, procura sentir os batimentos e a respiração, massageia, abraça e a aperta procurando algum sinal de vida. Aparece Cria2, muito frágil e de movimentos pequenos, fica olhando as duas. Ela tem uma vela grande acesa nas mãos. Cleide percebe Cria2 ao mesmo tempo em que constata a morte da Cria. Cleide está em choque.

Ezequiel *(Volta à cena com uma enxada nas mãos, ele acabou de abrir a cova da Cria, põe a enxada no chão e pega a Cria nos braços, Cleide cobre-a com um pano. Eles seguem em cortejo, Ezequiel à frente, depois Cleide levando a enxada e por último a Cria2 com a vela. Ezequiel canta uma cantiga*

fúnebre) Vela acesa, alma apagada, sete palmo de terra, punhado de chão, o barro, o sopro divino, o divino sopro de novo, barro no chão.

Cleide (*num refrão*) o divino sopro!

Cria02Fuuuuuuuuuu! (*Pequena pausa*) Fuuuuuuuuuu!

Cleide (*num refrão*) o sopro de novo, divino!

Cria02Fuuuuuuuuuu! (*Pequena pausa*) Fuuuuuuuuuu!

Ezequiel (*cantando*) Semente na terra estéril, semente não germina. Não da árvore, não dá flor, não dá fruto, não dá semente. O sopro divino, divino, divino sopro!

Cleide e Cria2 (*juntas*) Fuuuuuuuuuu! (*Pequena pausa*) Fuuuuuuuuuu! (*apagado a vela*).

Fim do 1º ato

2º Ato

Primeiro momento

Ezequiel entra com uma bacia d'água nas mãos, senta-se no balanço tira as botas com muito cuidado e dificuldade. Mergulha os pés na água um a um com a sincronia de um ritual. Com as mãos joga água nos pés, fazendo uma cachoeira, uma, duas, três vezes. Pára de repente deixa os pés descansando, fecha os olhos, respira profundo e vagorosamente aproveitando bem o ar que entra e que sai. Levanta os pés abre os olhos. Seus olhos têm agora uma vida jamais vista, naturalmente o balanço movimenta-se muito vagorosamente, vai e vem, vai e vem, vai e vem, ele fica apreensivo. Segura firme nas cordas laterais do balanço esboça um sorriso de satisfação contido pelo medo, pára bruscamente.

-__Aparece Cria2, ela o observa.

Ezequiel coloca os pés de volta na bacia d'água esfrega-os com as mãos com bastante força. Lava o rosto e os braços.

- Cria2 lhe sorri e sai. Cria2 está bem mais fortalecida e vivaz –

Ezequiel enxuga os pés, calça as chinelas, fica mais um instante com o olhar longe depois se refaz e sai deixando as coisas.

Segundo momento

Cleide entra vagorosamente, continua com a corda no pescoço e tem uma faca nas mãos. Tenta chegar até o balanço, mas não alcança. Depois de muito insistir consegue com a ajuda da faca fazer com que o balanço chegue até ela. Corta com muito esforço uma das cordas do balanço, começa a cortar a outra, mas percebe não ser necessário e deixa o balanço com apenas um lado. Solta a faca no chão.

- Aparece Cria2.

Elas se olham e se estranham.

Cleide fica de quatro como um cachorro, avança na Cria2, mas é retida pela corda. Esse jogo permanece por algum tempo Cleide ataca, Cria2 recua.

Cleide está feroz, baba, estrebucha e traz nos olhos uma sombra jamais vista, permanece como um animal que rejeita seu filhote.

Terceiro Momento

Ezequiel retorna e encontra as duas.

- *Cria2 sai.*

Ele observa o estado de Cleide.

- *Cria2 retorna com um prato, entrega-o a Ezequiel que o coloca junto de Cleide.*

Os três comem juntos de quatro. As bocas se alternam como teclas de piano, de tempos em tempos param, se olham e Cria2 usando a língua limpa a boca de Cleide que limpa a de Ezequiel que limpa a de Cria2. Esta ordem se alterna até que todas possibilidades se esgotem.

- *Cria2 sai sem que os dois percebem.*

Quarto Momento

Ezequiel e Cleide Continuam se alimentando. Mesmo jogo, as bocas se alternam como teclas de piano, depois de um tempo param se olham e Cleide usando a língua limpa a boca de Ezequiel.

Voltam ao prato e depois de um tempo param se olham e Ezequiel usando a língua limpa a boca de Cleide. Olham o prato já não há mais o que comer.

Então eles se olham por um instante em seguida voltam a lamberem-se. Ezequiel dá uma atenção especial aos pés de Cleide, ele os toca, massageia, os coloca junto a seu rosto com grande idolatria, como se quisesse aqueles pés pra ele. Já Cleide quer as mãos de Ezequiel, quer sentir suas mãos ásperas e fortes pelo seu corpo, ela as conduzem por todo o corpo com força como que tomando posse das mãos ou dando posse de seu corpo a aquelas mãos que a tanto não a tocara.

Os dois misturam-se num emaranhado de mãos, pés e corpos sedentos por toques. As respirações dão o ritmo que cresce até os dois desabarem juntos e adormecerem abraçados.

Quinto Momento

Dia seguinte.

- *Entra a Cria2 e os acorda mexendo na bacia d'água deixa antes por Ezequiel.*

OS dois acordam lentamente. Vão aos poucos, bem aos poucos percebendo um ao outro e a si, constatando o que houve na noite anterior.

Eles se afastam com medo do enfrentamento mutuo. Ficam recolhidos, cada um no seu canto.

- *Cria2 mais uma vez mexe na água chamando-lhes a atenção.*

Ezequiel que até então não tinha notado que o balanço havia tido um de seus lados cortado, corre até o mesmo para certificar-se. Segura as duas pontas da corda reconstituindo o balanço, olha as coisas no chão e em seguida o solta e afasta-se. Cleide observa tudo, apreensiva.

- *Cria2 brinca com o que restou do balanço.*

Ezequiel num repente pega a faca que Cleide deixara no chão, vai até Cleide que está encolhida, pára diante dela e corta-lhe a corda do pescoço. Ele vai até o balanço e faz uma emenda na corda que havia sido cortada. Com muito cuidado, força-o para baixo, testando a resistência da emenda feita.

Cleide vive um misto de pesar e alívio, já não tem mais a corda no pescoço, mas acredita não saber ser livre.

Cleide movimenta-se pelo espaço como um bicho que acabara de ser solto após ter passado uma vida inteira preso. Sem direção certa, sem saber se corre ou se pára.

Ezequiel a observa.

- Cria2 a segue em sua movimentação fazendo uma espécie de polaridade oposta, reproduzindo tudo que ela faz no tempo-ritmo contrário.

Cleide da uma, duas, três voltas no palco, cada um num sentido repetindo sempre a mesma seqüência de movimentos e depois fica parada num canto estática. Depois de algum tempo.

- Cria2 pega Cleide pela mão e a coloca no balanço e sai.

Sexto Momento

Ezequiel olha Cleide no balanço, percebe seu estado (Ela está com o olhar perdido, quase catatônico) abaixa-se, tira-lhe os sapatos e lava lhe os pés assim como ela fizera com ele antes.

Cleide parece retomar vida, vai aos poucos reanimando e recuperando o brilho do olhar.

Ezequiel lava-lhe os pés como quem teme errar ou como quem reza, como muito cuidado e delicadeza, encharca a toalha e a passa nas pernas, braços, rosto e mãos de Cleide.

- *Sem perceber ele rompe o silêncio.*

Ezequiel um grito! *(Silêncio profundo. Cleide continua com o olhar perdido embora seu semblante demonstre certa alegria. Ezequiel parece procurar algo no horizonte). É. Um grito ou um berro. (Silêncio profundo. Cleide continua no mesmo estado. Ezequiel parece procurar algo no horizonte). Um berro berrado. Ou um urro. (Silêncio profundo. Cleide continua no mesmo estado. Ezequiel parece procurar algo no horizonte). Urrado, urrado! Também pode ser um grunhido. (Silêncio profundo. Cleide continua no mesmo estado. Ezequiel parece procurar algo no horizonte). Grunhido, grunhido! Um choro, um choro! (Silêncio profundo. Cleide continua no mesmo estado. Ezequiel parece procurar algo no horizonte). Ou choro ou qualquer outro gemido. (Silêncio profundo. Cleide parece recobrar a percepção como que retorna de um lugar muito distante. Ezequiel parece procurar algo no horizonte).*

- *Cleide também sem perceber rompe o silêncio*

Cleide Grito, que grito? *(Silêncio profundo. Cleide e Ezequiel parecem procurar algo no horizonte). De que berro? (Silêncio profundo. Cleide e Ezequiel parecem procurar algo no horizonte). Como urro? (Silêncio profundo. Cleide e Ezequiel parecem procurar algo no horizonte). Gru... Gru... (Silêncio profundo. Cleide e Ezequiel parecem procurar algo no horizonte). Choro! Choro!*

Sétimo Momento

Ressurge Cria, ela entra preenchendo todo o espaço com movimentos vivos num ritmo constante, a objetividade de quem vem atender a um chamado. De repente ela pára e solta um grito melodioso com toda a força d'alma como quem diz: aqui estou.

Ezequiel e Cleide parecem ver algo no horizonte que os aproxima mais um do outro, ambos esboçam um sorriso.

- *Entra Cria2, vagorosamente observa a cena se deslocando pelo espaço com movimentos lentos e pesados, pára de repente observa todo o espaço como quem diz: aqui estou.*

Ezequiel e Cleide parecem ver algo novo no horizonte que os aproxima mais um do outro, ambos esboçam um sorriso e os olhos se enchem de vida.

- *Cria vai de encontro a Cria2 elas parecem se conhecerem. Cria então começa a estimular Cria2 emitindo gritos d'alma propondo que Cria2 a responda, uma, duas, três vezes não havendo resposta sonora de Cria2.*
- *Cria então propõe o caminho por onde Cria2 poderá executar seu grito através de uma movimentação que se encerra com o abrir da boca.*
- *Cria2 tenta uma, duas e na terceira vez consegue soltar um som estranho. Elas entram começam uma espécie de ritual. Onde soltam gritos, grunhidos, berros, choros, gemidos e urros formando uma música que começa estranha e pesada tendo uma transformação contínua até vira uma música leve e gostosa. Como se suas almas estivessem sido purificadas durante este ritual. Os corpos das duas preenchem o espaço tal como a voz, não ficando nenhum espaço do palco vazio por mais de dois ou três segundos.*

Durante todo o ritual Cleide e Ezequiel observam reagindo como se estivessem vendo tudo àquilo no horizonte.

- *Quando as Crias chegam no ponto de pureza em que Ezequiel e Cleide se encontram então elas recuam o ritual diminuindo os sons e os movimento.*

Cleide e Ezequiel parecem ganhar uma nova vida e como que transbordando eles começam a emitir sons vívidos e fervorosos, deslocam-se pelo espaço dançando os sons que saem de seus corpos.

- *As Crias os acompanham numa espécie de segunda voz formando um grande alarido.*

CAI O PANO